Proposta de análise do dicionário: uma reflexão sobre a constituição étnico-social do gaúcho

Nina Rosa Licht Rodrigues[1](Iniciação Científica)
Verli Petri[2]

Resumo: O presente trabalho visa analisar a constituição do sujeito gaúcho a partir da análise de verbete de dois dicionários do século XX, um nacional e outro regional. Os dicionários, nesse trabalho, são importantes instrumentos lingüísticos para se observar os modos de dizer de uma sociedade e os discursos em circulação em certas conjunturas históricas (século XX), bem como são um dos lugares que sustentam as evidências dos sentidos, funcionando como um instrumento de estabilização dos discursos. É na escola que temos os primeiros contatos com os dicionários, onde buscamos definições, soluções para nossas dúvidas, mas, raramente refletimos sobre sua constituição e funcionamento em sociedade. Nossa proposta é de refletir sobre os dicionários, a partir da perspectiva teórico-metodológica da Análise do Discurso (AD), tal como foi concebida por Michel Pêcheux. Em AD, o sentido é concebido como "relação a" e isso se reflete nos nossos procedimentos metodológicos de análise. Quando examinamos as relações entre os enunciados lexicográficos, confrontamos o que é dito em um verbete e em outro, descrevendo as diferenças, as repetições, as retomadas, as reformulações. A partir da análise do verbete, procuramos compreender de que modo esse verbete tem entrada no dicionário nacional e no de cunho mais regional. Isso tem a ver com a constituição social e histórica da imagem de gaúcho que conhecemos atualmente.

1 Introdução

O presente trabalho constitui-se a partir de resultados parciais obtidos no desenvolvimento do projeto de pesquisa intitulado *A constituição de imagens de sujeito gaúcho na língua e pela história: um estudo dos dicionários de regionalismos gaúchos produzidos no século XX* que procura investigar a constituição/instituição de sentidos capazes de revelar o imaginário sobre o sujeito, a língua e a história, via dicionário de Língua Portuguesa e de Regionalismo Gaúcho.

Para este artigo, privilegiamos o verbete *gaúcho* de um dicionário nacional e regionalista que são analisados sob à luz dos princípios teórico-metodológicos da Análise de Discurso de Linha Francesa. Antes de iniciarmos a análise dos prefácios, propriamente dita, necessitamos trabalhar um pouco algumas noções teóricas que são

---

[1] Aluna de Graduação em Letras na UFSM.

[2] Orientadora do projeto de pesquisa intitulado "A constituição de imagens de sujeito gaucho na língua e pela história: um estudo dos dcionários de regionalismos gauchos produzidos no século XX".

imprescindíveis ao trabalho de análise, especialmente as noções de discurso, dicionário, sujeito.

A partir dessa rápida abordagem das questões teóricas passamos a descrição do corpus que se constitui de dois dicionários, um nacional e outro regional, o primeiro refere-se ao *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa* (1974), de Caldas Aulete e o segundo ao *Vocabulário Gaúcho* (1928*)*, de Roque Callage.

Nos deteremos em analisar preliminarmente o estudo histórico-discursivo de cada dicionário tal como ele nos permite mostrar os processos de produção dos verbetes. Decorre que, na análise de um verbete, questiona-se a transparência dos sentidos e procura-se compreender de que modo esses verbetes tem a ver com a sociedade e com a história do sujeito gaúcho.

2 Algumas considerações teóricas

Sobre a noção de discurso podemos afirmar que ele não transmite apenas uma informação, é antes o efeito de sentidos entre os locutores que põe em relação sujeitos em sentidos afetados pela língua e pela história (ORLANDI, 2005, p. 21), por esse motivo consideramos o dicionário como discurso, uma vez que ele é um material interessante para se observar os modos de dizer de uma sociedade, funcionando como um instrumento de estabilização dos discursos. Segundo Eni Orlandi (1996, p.36), a Análise do Discurso (AD) leva em conta o lingüístico e o histórico, enquanto elementos indissociáveis no processo de produção do sujeito do discurso e dos sentidos que (o) significam. O que permite dizer que o sujeito é um *lugar de significação* historicamente constituído. Partindo dessa noção de discurso historicamente constituído, trabalharemos o discurso lexicográfico no Brasil, mais precisamente, do século XX.

O dicionário, no presente estudo, é visto através de uma perspectiva discursiva, onde questionamos a evidência dos sentidos, para mostrar seus processos históricos de constituição. Assim, segundo Horta Nunes (2006, p. 11), ver o dicionário como um discurso implica em desestabilizar aquilo que aparece como uma certitude e explicitar os gestos de interpretação que subjazem às formulações dos verbetes.

3 Sobre o dicionário: análises preliminares de verbetes

De acordo com Horta Nunes (2002, p. 103), a lexicografia discursiva vê, nos dicionários, discursos. Dessa forma, na escuta própria à análise de discurso, podemos ler os dicionários como textos produzidos em certas condições tendo seu processo de produção vinculado a uma determinada rede de memória diante da língua. Nesse sentido, em nossa análise, trabalhamos com a relação língua e história, tal qual a AD remete às condições de produção, às formações discursivas, à memória dos discursos dos dicionários (aos sujeitos, às praticas sociais, às situações imediatas e amplas).

Decorre que, na análise de um verbete, observamos uma imagem da sociedade, imagem construída parcial, que produz identificações e silenciamentos, apagamentos, acréscimos, exemplificações e que se projeta em um espaço de tempo. Utilizaremos o dicionário regionalista *Vocabulário Gaúcho* (1928), de Roque Callage e o *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa* (1974), de Caldas Aulete. Nesses dicionários, analisamos o verbete gaúcho, enquanto lugar de construção da memória social do sujeito gaúcho. Desse modo, verificamos quais os efeitos de sentido capazes de revelar o imaginário do sujeito gaúcho e como esses efeitos se desenvolvem no dicionário, na medida em que consideramos que o dicionário assegura, em nosso imaginário, um efeito de completude, que ele contém todas as palavras e informações da língua. Levado em conta essa relação entre dicionários versus completude, observamos, também, como

essas relações interferem na constituição do sujeito gaúcho enquanto indivíduo único, com identidade própria e homogênea.

Para melhor explicitar nossas análises, construímos o presente quadro das definições do verbete gaúcho contido nos dois dicionários analisados.

	GAÚCHO
Roque Callage: *Vocabulário Gaúcho*	1- Guasca, o nosso camponez emfim, é o typo representativo da vida accidentada das coxilhas. 2- O gaúcho é a expressão typica do valor e da coragem, e, identificado com o seu companheiro inseparável – o cavallo, elle symbolisa nas galopadas pela planura, a figura mythologica do Centauro. 3- Filho do Rio Grande do Sul.
Caldas Aulete: *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*	1- Diz-se do habitante do campo, de vida aventureira, grande cavaleiro e ótimo soldado. 2- Descendente de indígenas, portugueses e espanhóis, que no século XVII foi instrumento da fixação portuguesa no Brasil Meridional. 3- adj. sem dono; sem lei, prepotente; desregrado.

Partindo da designação de Callage, observamos diversas nomenclaturas para gaúcho: “guasca, o nosso camponês, enfim, é o typo representativo da vida accidentada das coxilhas”. Observemos que Callage retira o homem situado no campo aberto e o desloca para as “nossas fazendas e estâncias”, porém não são quaisquer fazendas ou estâncias, são as localidades pertencentes ao leitor comum, e o próprio Callage se inclui (presença que enuncia na primeira pessoa do plural). Callage também utiliza a adjetivação de cunho favorável, um mecanismo de designação no qual exerce importante função no que diz respeito à constituição da representação do sujeito gaúcho no discurso do presente dicionário regionalista. O autor destaca o “valor” e a “coragem” do gaúcho e a identifica juntamente com o seu “companheiro inseparável – o cavalo”. Note-se que a figura do homem com o cavalo remete a uma representação positiva de homem: valente e trabalhador que ultrapassa obstáculos naturais, que, por intermédio do cavalo, seu meio de transporte, pode sobreviver. O autor representa símbolo o cavalo por “galopadas pela planura” e o compara a figura do Centauro, da mitologia grega.

Na nossa análise, estamos revelando a imagem mitológica do centauro dos pampas, uma reconfiguração da imagem do centauro que se produz no interior de um grupo social bem específico: o gaúcho. O homem e o cavalo, unidos, formam o centauro dos pampas, habitando esse lugar tão diferente das montanhas e florestas da mitologia grega, representando não só a união do homem com o cavalo, mas também a união desse ser unificado com a terra que habita e defende. Essa representação mitológica de gaúcho nos remete ao contexto da época: a constituição de uma linguagem popular que passa pela narrativa popular, pela mitologia e pela conversação cotidiana e chega ao estabelecimento de uma unidade de língua: a “língua do povo”, a “língua nacional”.

Callage conclui a definição do vocábulo *gaúcho* como “filho do Rio Grande do Sul. O vocábulo “filho”, usado pelo dicionarista para o estado do Rio Grande do Sul,

pressupõe um imaginário de que há a mãe, e essa designa a nação, a pátria mãe, ou seja, temos aqui uma origem imaginária que constitui um sujeito único, de identidade própria e que vive sobre território gaúcho.

O verbete *gaúcho*, em Caldas Aulete, remete, primeiramente, a um sujeito constitutivo da história do Rio Grande do Sul, no contexto de colonização. A formação discursiva contida na designação representa um discurso anterior à invasão da América pelos europeus, numa época em que o pampa não tinha dono e sobre ele reinava absoluta a cultura indígena. Com a ocupação do referido território pelos portugueses e espanhóis que disputavam a posse das terras, o pampa passou a significar campo ou campanha e não se limitava mais aos terrenos planos, abrangendo já outros terrenos mais acidentados (serros, banhados, etc.). Acrescenta-se que no decorrer do século XVII, os espanhóis visavam capturar e prender indígenas do sul do país com o objetivo de escravizá-los. Outra designação que nos aparece no seguinte verbete "sem dono; sem lei, prepotente; desregrado" se refere a uma adjetivação de sentido desfavorável, o qual remete a uma caracterização de sujeito indiferente aos laços familiares, afetivos, um sujeito que não segue uma regra estabelecida, que é opressor, tirano. Podemos pensar em uma representação de gaúcho que habita nosso imaginário: o de um o gaúcho bandido, que vivia dos roubos e das mortes que cometia.

Para a Análise do Discurso, nosso principal procedimento metodológico, o resgate sócio-histórico cultural presente na definição *gaúcho* é possível através do interdiscurso, em outras palavras, da memória discursiva presente na língua e da qual a história faz parte.

4 Considerações finais

Nas nossas análises não objetivamos buscar a completude, pois, segundo Orlandi (2005, p. 62), todo o discurso se estabelece na relação com o discurso anterior e aponta para outro. Não há discurso fechado sobre si mesmo, mas um processo discursivo do qual se pode recortar e analisar estados diferentes.

Ao analisarmos o dicionário regional de Roque Callage *Vocabulário Gaúcho* e nacional de Caldas Aulete *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, pudemos depreender, com estas primeiras análises, algumas formações imaginárias presentes no discurso lexicográfico regionalista e nacional sobre a constituição do sujeito gaúcho.

No dicionário regional, o discurso do lexicógrafo mantém e valoriza a língua e a cultura do povo gaúcho através de descrições que indicam que o lexicógrafo tenha conhecido os costumes do povo do Rio Grande do Sul ou, até mesmo, tenha vivenciado esses hábitos.

Em contrapartida, no dicionário nacional, o discurso do lexicógrafo descreve o sujeito gaúcho através de seu passado mitológico, o gaúcho como uma designação que traz em si marcas de um processo social, histórico, político, econômico e cultural, próprio da fundação e desenvolvimento do Rio Grande do Sul. Enfim, o dicionarista, no dicionário nacional, precisou se valer do discurso historiográfico, do passado e da história para que pudesse emitir alguma informação sobre o sujeito gaúcho.

Podemos, então, dizer que o discurso do dicionário não consegue alcançar a completude, uma vez que nos dois dicionários temos discursos diferentes para a definição gaúcho, por isso não podemos considerar uma ou outra definição como correta, perfeita, pois esse sujeito se inscreve em condições determinadas, impelido, de um lado, pela língua e, de outro, pelo mundo, pela sua experiência e pela sua ideologia.

Nesse sentido, concordamos com Orlandi (2005) quando ela diz que a inc*ompletude* é a condição da linguagem: nem os sujeitos nem os sentidos, logo, nem os discursos, já estão prontos e acabados.

5 Bibliografia

CALLAGE, Roque. **Vocabulário Gaúcho.** 3. Ed. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1928.

AULETE, Caldas. **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa.** São Paulo: Delta, 1974.

ORLANDI, Eni Pucinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, São Paulo: Pontes, 2005.

_____. **Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. **Língua e conhecimento lingüístico: para uma história das idéias no Brasil.** São Paulo: Cortez, 2002.

NUNES, José Horta. **Dicionários no Brasil: análise e história do século XVI ao XIX**. São Paulo: Pontes, 2006.

PETRI, Verli. **A constituição de imagens de sujeito gaúcho na língua e pela história: um estudo dos dicionários de regionalismos gaúchos produzidos no século XX**. Projeto de Pesquisa 2007-2008.

_____. **Imaginário sobre o gaúcho no discurso literário: da representação do mito em Contos Gauchescos, de João Simões Lopes Neto, à desmistificação em Porteira Fechada, de Cyro Martins**. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras. Tese de Doutorado.